

Lisboa palco de tentativa de relançar um diálogo

# Diferença política afirma-se entre Sul e Norte

N 11/4/84

A ruptura da dependência económica dos países subdesenvolvidos, através da reestruturação das fórmulas de relacionamento económico entre estes e as nações industrializadas, e o reconhecimento por estes Estados do papel importante do Terceiro Mundo no reordenamento da actual situação económica internacional — são os dois pólos em torno dos quais gravitam as discussões na Conferência sobre o Diálogo Norte-Sul, a decorrer na capital portuguesa, Lisboa.

O ponto de partida para a formulação das duas posições divergentes é o sentimento comum das Nações subdesenvolvidas do chamado Sul e dos países industrializados do dito Norte sobre a interdependência das respectivas economias.

A Conferência, inaugurada segunda-feira pelo Presidente da República Portuguesa, Ramalho Eanes, é um fórum para a concertação de posições, com vista ao relançamento do Diálogo Norte-Sul na área económica internacional.

Tendo em comum a interdependência das economias dos países industrializados e subdesenvolvidos, as personalidades, que já usaram da palavra, evidenciaram o fosso existente entre as economias dos países subdesenvolvidos e as das nações industrializadas.

Para os «Cinco» países africanos de língua oficial portuguesa, a interdependência existe objectivamente, conforme frisou o Primeiro-Ministro cabo-verdiano, Pedro Pires, em representação do Grupo. Vendo o Diálogo Norte-Sul como sendo a busca de um novo encaminhamento dessa interdependência, que exclua o conceito de dependência dos países subdesenvolvidos, aquele dirigente cabo-verdiano sublinhou que «as necessidades (económicas) actuais são recíprocas e devem ser apreciadas nesta base», porque «as relações de força (entre o Norte e o Sul) correm o risco de se converterem em conflito, se se não der um conteúdo construtivo ao conceito e à prática de interdependências».

Para Portugal, cuja participação nesta conferência assume importância particular perante o curso do processo da sua integração na Comunidade Económica Europeia (CEE), a conferência de Lisboa sobre o papel da Europa no Diálogo Norte-Sul «é simultaneamente a constatação de uma realidade e o lançamento de um apelo», segundo afirmou Mário Soares Primeiro-Ministro português. Secundando as preocupações apresentadas pelo seu Primeiro-Ministro o Chefe da Diplomacia portuguesa, Jaime Gama, defendeu que, «no seu diálogo com o Sul, e em particular com África e América Latina, a Europa (o Norte) cometerá um erro profundo se ignorasse o contributo específico de países como Portugal e Espanha».

## DESCOLONIZAR O PENSAMENTO

Mas, o escritor português, Manuel Alegre, fez uma abordagem a esta questão. Segundo ele, o Diálogo Norte-Sul «é um problema político que começa por ser cultural».

«Temos de fazer uma outra viagem. Não já uma viagem pelo mar, mas uma viagem por dentro de nós próprios, de reflexão e reapreciação do papel da Europa perante nós próprios e perante o Mundo», disse Manuel Alegre.

«Não podemos continuar, prosseguiu Manuel Alegre, a pensar que só nós, europeus, somos portadores de civilização e de progresso (...). Não podemos esquecer que o preço do nosso progresso e da nossa civilização custou, durante um longo período, a rejeição de outras civilizações e o atraso de outros povos».

Por sua vez, o Administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Bradford Morse, manifestou-se a favor da substituição do conceito «auxílio» por uma maior compreensão do que representa o investimento na economia mundial, em benefício tanto do chamado Norte como do dito Sul.

Bradford sublinhou que o termo «auxílio» é conotado com atitudes paternalistas e com síndromas de dador-recipiente, ou rico-pobre.

Para Morse, é importante neste processo «a percepção da necessária reconstrução do relacionamento internacional, de modo a corresponder verdadeiramente a uma situação de quase descolonização do nosso planeta».

## A EUROPA E O DIÁLOGO

Reconhecendo a interdependência económica como denominador comum na equação económica que se coloca tanto para o Norte como para o Sul, o Ministro norueguês da Cooperação e do Desenvolvimento, Raidun Brusletten, afirmou que «o papel da Europa, como par do grupo, deveria definir qual a sua atitude».

Salientou, por outro lado, que «na década de 70, a instabilidade dos financiamentos ocidentais originaram graves dificuldades nos países em desenvolvimento, cujas dívidas se foram acumulando de ano para ano».

Apontando para o facto de o apoio dos países industrializados atingir apenas metade do nível estipulado, advertiu os parceiros europeus para a dependência na Europa em matérias-primas dos países subdesenvolvidos.

Brusletten pronunciou-se a favor da estabilização do preço das matérias-primas e da necessidade de «um aumento do empenhamento europeu no Diálogo Norte-Sul», bem como, «um aumento do fluxo de capital para países em desenvolvimento».